

BERNARDES, João Pedro & OLIVEIRA, Luís Filipe, A “Calçadinha” de S. Brás de Alportel e a Antiga Rede Viária do Algarve Central, 2002, 80 páginas.

A obra que tivemos ensejo de ler constitui um dos mais recentes trabalhos de investigação sobre as vias romanas da região algarvia.

Com efeito, trata-se de um projecto iniciado em 1999, mas que apenas foi trazido “à luz” em Junho de 2002, graças a esforços conjuntos entre a autarquia de S. Brás de Alportel e o Departamento de História e Arqueologia da Universidade do Algarve.

Digna de destaque afigura-se-nos também a ambivalência do tema que, pelo seu carácter cumulativo, suscitou a intervenção de autores cujo domínio do saber abrange as épocas romana e medieval, contribuindo assim para invalescer a pertinência deste trabalho.

Assina o prefácio António Eusébio, actual presidente da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel. E o prefácio é, por si só, revelador da nova sensibilidade patrimonial e urbanística visível, infelizmente, ainda em escassos autarcas, já que dá conta da importância da pesquisa levada a efeito.

É notável a abrangência da obra, dado que o título remete fundamentalmente para o estudo viário, ao qual não se cinge, uma vez que se estende a outros âmbitos de investigação, nomeadamente à rede de povoamento que se articula com o sistema viário em estudo. Tal facto contribuiu para dar a conhecer novos sítios arqueológicos, acompanhados na obra por um sucinto mas esclarecedor catálogo, que atesta em favor das propostas feitas pelos autores.

Todavia, há uma questão nada pacífica que é a hierarquização das vias que, ainda que da consciência dos investigadores, terá levado a uma excessiva convicção, relativamente ao denominado “principal eixo viário de ligação de Ossonoba a norte” por S. Brás de Alportel (pp. 25-26). Seria talvez profícua uma maior ponderação no que se refere à sugestão alternativa dos autores acerca da passagem da via principal por Almansil / Loulé.

É também com algumas reservas que consideramos a proposta dos autores relativa à via romana que de *Balsa* entrava em *Ossonoba* (p. 34, nota 9), seguindo o percurso anteriormente sugerido por V. Mantas¹ que propõe o trajecto por detrás de Santo António do Alto. Com base num estudo aprofundado que temos presentemente em curso, somos levados a discordar daquela hipótese, dado que nos parece mais viável que a entrada da cidade, vista sob a orientação Este-Oeste e Norte-Sul, se fizesse através da confluência das duas vias. Ou seja, a estrada que vinha de *Balsa* entraria em *Ossonoba* pelo mesmo caminho que vinha de Norte,

¹ “Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro”, *Trabalhos de Arqueologia* (Actas do 1º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, 1985), 3, Lisboa, 1986, p. 23.

concretamente da zona de Milreu, pela actual rua de S. Luís, antiga estrada de S. Luís. Assim, contornaria o Alto de Santo António pelo norte, evitando vencer aquela colina. Relativamente aos vestígios atribuídos a uma necrópole romana na Horta do Ferragial e ainda aos que se podem ver nas margens da ria, em frente do largo de S. Francisco, não nos parece que justifiquem a passagem da via por ali. Os primeiros poderão corresponder a uma *villa* suburbana, como foi sugerido por V. Mantas², e os segundos estarão eventualmente ligados ao porto de *Ossonoba*.

No entanto e apesar de toda a prudência dos investigadores a propósito deste assunto, cremos que não seria descabido repensar a questão no sentido de a clarificar.

Estas observações, bem como as cautelas com que determinados troços viários são apontados, reflectem a dificuldade da investigação em se mover nestas áreas, não apenas pela sua própria natureza, mas também pela exiguidade de estudos sobre a rede viária antiga do Algarve. Neste aspecto, a presente obra constitui um passo em frente, ainda que este domínio da investigação se encontre numa fase incipiente, nesta região.

Sandra Rodrigues

² "As cidades marítimas da Lusitânia", In *Les villes de Lusitanie romaine – Hiérarchies et territoires* (Table ronde internationale du CNRS, Talence, le 8-9 Décembre, 1988), Paris, 1990, p. 185.